

HISTÓRIAS DE SÃO PAULO: Avalanche no Monte Serrat mata pelo menos 100 em Santos

J A
DIARIO POPULAR
ANO 1 - Nº 38 - 27 DE JULHO DE 1997

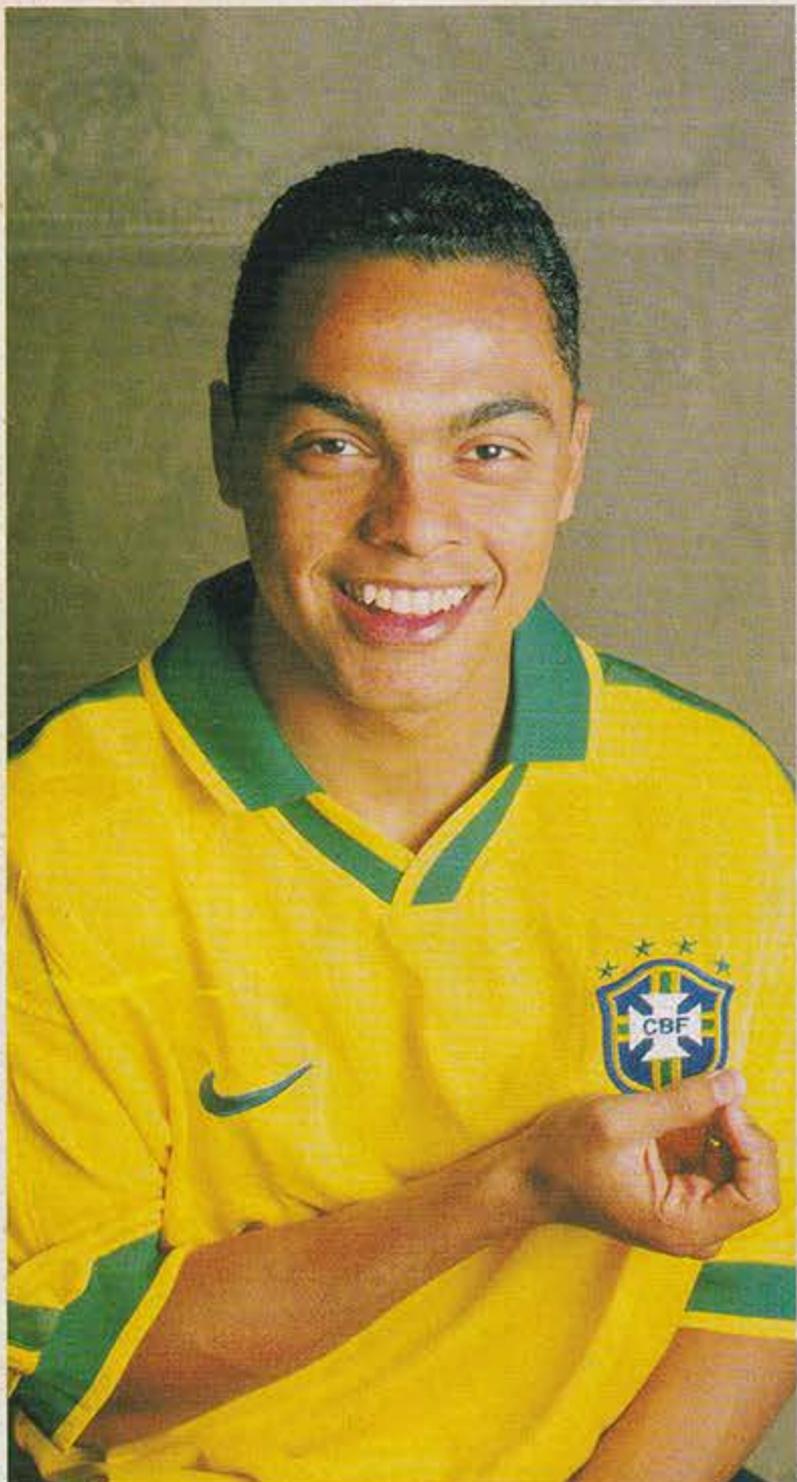
PERSONAGEM
Ex-presidiário dá comida a pobres

NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

O sorriso da Zona Leste

A trajetória do craque Dodô: dos campinhos da Cohab 1, em Artur Alvim, à convocação para a Seleção Brasileira





Ricardo Fasanello

8 Riso fácil

Dodô, o risonho atacante do São Paulo, chega à Seleção Brasileira aos 23 anos, depois de ter passado por poucas e boas no mundo da bola. Na sua trajetória, que teve início nos campinhos de Artur Alvim, onde nasceu, ele teve de superar boicotes de colegas e até a perseguição movida por um cartola do Tricolor.

Dodô: desprezado por Corinthians e Fluminense, o atacante passou pelo Nacional até chegar ao Morumbi - pag. 8

Roteiro

- 44 Restaurantes**
- 55 Bares**
- 60 Em casa**
- 62 Inverno**
- 67 Danceterias**
- 68 Serviços**
- 69 Shows**



Rockets: os Jardins voltam aos anos 50 - pag. 55

- 70 Teatro**
- 79 Cinema**

Seções

- 5 Cartas**
- 6 Toda Gente**
- 14 Culinária**
- 22 Crimes**
- 26 Esotérico**
- 32 Personagem**
- 34 Encontros**
- 38 Moda & Modos**
- 42 Beleza**
- 83 Classificados**
- 89 Humor**

16 Adorável compulsão

Eles colecionam de tudo. De dinheiro a paliteiros e de bíblias a histórias em quadrinhos. Os colecionadores que não conseguem controlar o impulso de comprar chegam a passar fome para adquirir seus objetos de desejo.

28 Tragédia em Santos

Na madrugada chuvosa de 10 de março de 1928, pelo menos 100 pessoas morreram quando um enorme bloco de terra desabou do Monte Serrat, em Santos. A escavação de pedreiras no morro motivou a tragédia.

Capa: foto de Ricardo Fasanello

O craque de Artur Alvim

GILVAN RIBEIRO

O Brasil demorou a descobrir o sorriso de matador estampado no rosto de Dodô, o temido atacante do São Paulo que lidera a artilharia do Campeonato Brasileiro com oito gols. Até se tornar ídolo nacional e chegar à Seleção Brasileira, com 23 anos, o atacante criado no humilde bairro de Artur Alvim, na Zona Leste da Capital, teve de engolir um farto cardápio de humilhações. Desprezado pelo Corinthians, Fluminense, Paraná Clube e por cartolas do próprio Tricolor, sua carreira esteve prestes a terminar prematuramente. Encostado no Morumbi, no ano passado, ele era obrigado a treinar separado do restante do elenco, como um marginalizado, por determinação da diretoria. Mas sua vida mudou drasticamente nos últimos seis meses. Bastou uma chance, dada pelo técnico Muricy Ramalho, hoje no comando do Guarani, de Campinas, para o craque proscreto transformar-se em bem-amado. “Continuo o mesmo. A única diferença é que agora todo mundo quer se aproximar de mim para dar tapinhas nas costas”, compara Dodô.

A sua história é semelhante à de tantos garotos da periferia que sonham ser jogadores de futebol. Mas nem todos têm a mesma sorte, o respaldo da família e, principalmente, o talento do artilheiro. Nascido na Vila Matilde, Dodô foi morar no conjunto habitacional Cohab 1, em Artur Alvim, aos 7 anos. Seu pai, Carlos Lucas, um mecânico de elevadores atualmente aposentado, juntou as economias e conseguiu realizar o sonho da casa própria em 1981. Com muito esforço, adquiriu um minúsculo apartamento para viver com sua mulher, Maria, e os filhos Ricardo, Rogério, Rodrigo e Rute. O mais velho, Ricardo, se tornaria conhecido como Dodô. O apelido foi dado pelo irmão Rogério, que tinha dificuldade para pronunciar seu nome e lançou mão do recurso infantil de dobrar a última sílaba. Mesmo sem saber, havia lançado a marca de um craque no mercado do esporte.

Dodô começou a mostrar intimidade com a bola nos campinhos de terra em Artur Alvim. Gostava de assumir a personalidade de Zico, seu grande ídolo,

nos jogos diários com os colegas de bairro. Corintiano como seu pai e como a maioria dos habitantes da região, o garoto também era fã do Doutor Sócrates, responsável por suas maiores alegrias nos tempos em que seu coração batia em branco e preto. “Sempre gostei de caras habilidosos. Hoje em dia, todo mundo fala que o meu futebol é igual ao do Careca”, afirma, com o sorriso rasgado que traz sempre no rosto, uma de suas marcas registradas. “As pessoas acham engraçado o fato de eu viver dando risada. Mas sou um rapaz alegre por natureza”, explica.

A idéia de virar profissional da bola o perseguia desde os primeiros dribles. Visionário, seu pai alimentou a esperança do menino de um dia se tornar um craque famoso. Ao contrário dos outros pais, que não levavam a sério a quimera infantil dos pirralhos de chuteiras, Carlos Lucas determinou-se fazer todo o possível para transformar o desejo de Dodô em realidade. Apesar das dificuldades financeiras,



*A trajetória
sofrida de Dodô,
o risonho
atacante que
antes de chegar
à Seleção
Brasileira foi
desprezado até
por cartolas do
São Paulo*

RICARDO FASANELLO/STRANA

ele se dispôs a sustentar o filho até quando surgisse o primeiro contrato profissional. Motivo suficiente para ser visto como um lunático em sua rua. “Muitos amigos meus tiveram de parar de jogar futebol para trabalhar e ajudar em casa. Graças a Deus, nunca precisei procurar serviço. Embora fosse de classe média baixa, meu pai me deu todas as condições para vencer no esporte”, agradece Dodô.

Foi uma saga de rara obstinação. As pedras no caminho surgiram logo de saída, como uma prova de resistência. A paixão pelo Corinthians sofreu um duro golpe com a tentativa frustrada de fazer carreira no clube. Em 88, ele teve uma curta passagem pelo infantil do Parque São Jorge, mas acabou dispensado, assim como fracassou a iniciativa de se integrar ao Palmei-



Jurandir: “Nunca faltou a um treino ou arranhou confusão”

ras. Em 92, acabou aceito pelo Nacional, clube da Capital que disputa a Série A-3. Lá, Dodô conquistou o título de campeão paulista de juniores, em 93.

“O Dodô foi artilheiro em todos os campeonatos que disputou pelo Nacional”, destaca Jurandir de Souza Meira, de 60 anos, supervisor de futebol profissional do Nacional Atlético Clube e ex-técnico do atacante no clube. “Além de tudo, é uma pessoa de bom caráter, um rapaz responsável e pontual que nunca faltou em treino ou

arranhou confusão.”

Depois de se tornar campeão no Nacional, no ano seguinte o artilheiro foi emprestado, junto com o meia Cesinha, ao Fluminense, do Rio. Embarcou cheio de fantasias, imaginando que iria conquistar a Cidade Maravilhosa e se tornaria um astro do futebol carioca. A ilusão durou só cinco meses. O Flu recusou-se

a pagar míseros R\$ 50 mil, para comprar o seu passe, e Dodô voltou de mala e cuia para a rua Comendador Souza.

Finalmente em 95, num amistoso do Nacional contra o São Paulo, Dodô chamou a atenção de Dario Pereyra, que na época dirigia os juniores do Tricolor. O técnico indicou sua contratação para o diretor de futebol amador, Sérgio Bragança, que o levou por empréstimo para o Morumbi. “O Dodô tem uma habilidade nata, aliada à coragem de não fugir nunca do

Dupla personalidade

O atacante Dodô tem dupla personalidade no São Paulo. Uma de suas brincadeiras prediletas é se fazer passar pelo colega Denílson na hora de dar autógrafos e conversar com os fãs. E vice-versa. Quando a delegação tricolor chega ou embarca nos aeroportos, a dupla inverte os papéis e deixa muita gente confusa. Alguns nem percebem a diferença. Apenas os torcedores mais observadores desvendam o trote e entram na farrá. “Nós somos irmãos, temos a cara um do outro”, exagera Denílson.

Os dois formam uma parceria inseparável no Tricolor. Na concentração, além de normalmente ficarem no mesmo quarto, eles andam juntos o tempo todo pelo hotel. Velhos companheiros nas equipes de base do São Paulo, só se distanciaram durante o período em que Dodô ficou segregado do grupo, no ano passado. Denílson sofreu junto a dor do amigo, sem poder fazer nada para ajudá-lo. No máximo, buzinava na orelha do técnico Muricy Ramalho, juntamente com o zagueiro Bordon, para encorajar o treinador a cobrar da diretoria a reintegração do artilheiro.

“Não tínhamos poder para contestar a opinião da diretoria. Mas para a gente, que conhecia o potencial do Dodô, era insuportável vê-lo marginalizado no clube. Na época, temia que sua carreira terminasse ali”, lembra Denílson. Ele não se conforma com a cara-de-pau de cartolas que tentaram enterrar seu amigo no passado e que hoje o paparicam no momento de maior sucesso. “O pior de tudo é ver a pessoa que mais o sacaneou dando tapinhas nas costas dele”, critica. Apesar de não citar o nome, seu recado tem endereço certo: o ex-diretor de futebol José Dias.

Dodô se orgulha de ser parecido com Denílson, que tem três anos a menos do que ele. Os dois têm a mesma altura, 1,78m, mas o Dodô é mais encorpado, com 70 quilos, oito a mais do que o colega. Agora que ambos atingiram a Seleção Brasileira, andam mais próximos do que nunca. Denílson previu a convocação do parceiro logo depois que Dodô igualou o recorde de gols numa só partida em Campeonatos Brasileiros, quando marcou cinco vezes na goleada sobre o Cruzeiro, no Mineirão, em 16 de julho. Ele se equiparou aos artilheiros Ronaldinho (na época do Cruzeiro), Roberto Dinamite (Vasco), Edmar (Guarani) e

pau. A nossa dupla de zagueiros era formada pelo Guido e pelo Picon, dois beques duros, mas mesmo as entradas mais fortes não o faziam pipocar. Isso despertou meu interesse por ele desde a primeira vez que o vi”, explica o atual técnico do time profissional do São Paulo.

Os cartolas são-paulinos não cometeram a mesma burrada dos dirigentes do Fluminense.

Ao final do empréstimo, Dario Pereyra recomendou a contratação de Dodô em definitivo e, para felicidade geral da nação tricolor, foi atendido. O artilheiro custou R\$ 250 mil — valor irrisório se comparado à sua atual cotação de mercado, R\$ 10 milhões. Mas, para obter todo esse prestígio, um longo calvário precisou ser cumprido. Cenas com requintes de crueldade foram vividas dentro do próprio São Paulo.

Depois de ter sido artilheiro



Dario: “Habilidade aliada à coragem de não fugir do pau”

da Copa São Paulo de Juniores de 95, Dodô foi promovido ao time profissional, mas não conseguiu se firmar. No Campeonato Paulista daquele mesmo ano, entrou apenas em algumas partidas, normalmente nos minutos finais. Mesmo assim, marcou oito gols — média insuficiente para garantir sua permanência no clube. A diretoria resolveu emprestá-lo ao Paraná Clube, para que ganhasse experiência.

Em Curitiba, Dodô se deparou pela primeira vez com a “traira-

gem”, termo usado no futebol para designar a deslealdade dos colegas. Ele reclama ter sido boicotado pelos veteranos do time, na ocasião liderados pelo atacante Saulo. “Olha, eu prefiro nem falar sobre essas pessoas. Existia uma panela que tornava o ambiente insuportável para quem chegava de fora.” Dodô aguentou a fritura em óleo quente por quase seis

meses. Em seguida, voltou para o São Paulo em busca de boa acolhida e um pouco de carinho. Mas se deu mal. A diretoria julgou que o garoto forçara a barra para retornar ao clube, quando os planos eram de mantê-lo longe. Pela avaliação dos dirigentes, o atacante não reunia condições técnicas para integrar o grupo principal e só serviria para onerar a folha de pagamento.

O segundo semestre de 96 foi um inferno na vida de Dodô. O cartola José Dias, então diretor de fu-

Nunes (Flamengo). “Não teriam nem como não convocá-lo. Dodô fez gol de cabeça, com o pé esquerdo, de pé direito, de falta e de pênalti”, sustenta o “sósia” Denílson.

A comparação com a qual Dodô não concordou foi a que partiu do técnico da Seleção Brasileira, Mário Jorge Lobo Zagallo, que o considerou muito semelhante a Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, que defendeu o Brasil nas Copas de 34 e 38. Curioso para comprovar se realmente havia pontos em comum em suas feições, Dodô visitou o Museu do Morumbi, onde existem fotos de craques do passado, arquivos em computador e até um boneco com a imagem de Leônidas dando uma bicicleta com o uniforme do São Paulo. “Achei que ele não tem nada a ver comigo”, conclui o atacante.

O sucesso dentro dos gramados também transformou Dodô em símbolo sexual. O assédio feminino cresce a cada dia, para desgosto de sua namorada, Tatiana, de 21 anos. O relacionamento começou há um ano e meio. “Ela fica com ciúme, mas tem de se acostumar, senão não dá para a gente ficar junto. Faz parte da profissão”, define o jogador.

A “dodomania” deu origem até a um fã-clube especialmente dedicado a cultuar a imagem do matador são-paulino.

O clubinho surgiu com nove admiradoras, mas ganha adeptas na proporção de sua escalada para a fama. “É bom ser querido. Acho o maior barato. Às vezes, elas ligam para o CT para conversar comigo.” Na véspera da decisão do Campeonato Paulista, contra o Corinthians, representantes do Movimento Pró-Dodô foram ao Morumbi levar pessoalmente sua homenagem: um enorme rolo de papel com 56 metros de amor explícito pelo ídolo, numa sequência de mais de 200 folhas de sulfite coladas umas às outras, com declarações melosas, versos idem e marcas de lábios feitas com batom.

O sorriso franco de Dodô colabora para sua popularidade. Uma única vez ele se manteve carrancudo durante uma partida. Foi em março, contra o Juventus, no estádio do Ibirapuera. Mas havia um forte motivo para a mudança radical de comportamento. Durante o aquecimento, ao usar a mandíbula como alavanca para dar um nó na camiseta, o craque quebrou um dente frontal da arcada superior. Para esconder a banguela, permaneceu sério nos 90 minutos. “Fiz o maior esforço para não sorrir. Ficou muito feio”, lembra. No dia seguinte, ele foi ao dentista, reconstituiu o dente perdido e voltou a exibir seu sorriso de artilheiro.

Cabeça na trave

Em casa, ele é um rei. Carlos e Maria Lucas só têm elogios para o mais velho de seus quatro filhos, o craque Dodô. Menino comportado e estudioso, segundo a mãe, não dava trabalho e só queria saber de jogar bola. “Ele nunca apanhou. Mas o Rogério era peralta: pegava papel higiênico no banheiro para fazer fogueira em cima da cama. Ainda bem que o Dodô era tranquilo, pois, caso contrário, a dor de cabeça seria maior”, lembra a mãe do craque são-paulino e, agora, da Seleção Brasileira.

Apesar de sossegado, Dodô quase matou a mãe de susto quando tinha 9 anos. Os garotos arranjaram duas traves de ferro e foram jogar bola. “De repente, meu coração disparou: o menino subiu chorando, com a cabeça inchada. A trave tinha caído na cabeça dele. Fomos direto para o hospital, mas não foi nada de mais grave, apenas mais um susto”, conta dona Maria.

Dos campinhos de terra próximos à Cohab 1, Dodô passou a jogar futebol na quadra da Escola Afonso Pena, no Jardim Maringá. Lá, ele terminou o segundo grau e trocou o futebol de salão pelo de campo. “O meu filho sempre foi muito estudioso e era o primeiro da classe. A gente tinha muito orgulho dele na escola”, diz a mãe, corujíssima.

Dando duro numa fábrica de elevadores, o pai fazia de tudo para o filho dar certo no futebol. “Eu não era bobo. Jogava na várzea e sabia que ele tinha condições. Além disso, todo mundo incentivava a gente”, frisa Carlos, hoje aposentado e torcedor número um do filho. Dodô passou pelo Corinthians, jogou no Juventude de Itaquera e, em 92, quando já tinha quase a estrutura física de hoje — 1,78m e 70 quilos —, foi para o Nacional. Depois, foi um pulo para chegar ao Morumbi, onde, depois de muita luta, acabou vencendo.

Dodô obrigou seu pai a virar são-paulino e a mãe, que era santista, a amar o Tricolor. “Hoje somos Dodô Futebol Clube. Mas, se ele enfrentar o Rogério, que está no Fluminense, vou torcer pelo time carioca. Afinal, o outro menino ainda está começando a carreira e precisa se destacar”, confia o pai, que tem ainda os filhos Rute e Rodrigo.

A família festejou muito a convocação de Dodô para a Seleção Brasileira, na última terça-feira. Ao saberem que o técnico Zagallo o havia chamado para os amistosos no Japão e na Coreia, os pais festejaram com os parentes e vizinhos. “Conheço esse menino desde pequeno. Sempre foi muito educado e não deu trabalho para ninguém. Mesmo sendo famoso, ele passa pela gente e faz questão de cumprimentar. O sorriso dele já diz tudo”, afirma Iraci Dalbon de Almeida, vizinha de Dodô, que se emocionou muito ao saber que aquele garoto franzino e sonhador vestirá a camisa da Seleção.

Logo após saberem da convocação, os pais começaram a recordar toda a vida de Dodô. Apanharam duas caixas e retiraram delas fotos e recortes de jornais. Dona Maria ia mostrando uma a uma, sempre com muita emoção. “Aqui, ele tinha 2 meses. E já era sorridente. O menino mamou até 2 anos e 2 meses. Nunca tomou mamadeira. Sabe de uma coisa, hoje ele não toma leite de jeito nenhum!”, entrega a mãe.

Família unida e sorridente com o sucesso de Dodô, os pais sonham mais alto. Querem ver o menino na Copa do Mundo da França, em 98, e o outro filho, Rogério, brilhando com a camisa do Fluminense. “Pode parecer muita pretensão, mas temos dois craques em casa e o Rogério também vai fazer muito sucesso no futebol”, prevê o pai.

JOSÉ BATISTA

tebol, determinou sua segregação do elenco. Ele se viu tachado de indesejável no clube e passou a ser tratado como um estorvo. Proibido de realizar coletivos ou mesmo de treinar no mesmo horário da equipe principal, o artilheiro procurava manter a forma ao lado dos ex-juniões Pavão, Lino, Anderson, Murilo e Thiago, todos marginalizados como ele. O técnico Carlos Alberto Parreira nem podia acompanhar seu trabalho. “O Parreira não teve nenhuma participação naquele episódio. Infelizmente, a ordem veio de cima”, lamenta o craque.

As semanas se repetiam de forma melancólica. A luta contra o desânimo tornou-se um desafio diário para o quase anô-



A família Lucas: Dodô Futebol Clube

nimo Dodô. Ele se levantava da cama movido sabe-se lá por qual motivação. Sabia que iria ser mais uma vez exposto à humilhação no São Paulo. “Foi difícil manter a fé, mas em nenhum momento pensei em largar o futebol. Alguma coisa me dizia para insistir com o destino. Por isso, não faltei a um único treino sequer.” As chances de êxito permaneciam mais do que remotas. Pavão, Lino, Anderson, Murilo e Thiago, seus companheiros de infortúnio, estão aí para atestar. Nenhum deles atingiu a fama. Só Dodô estava fadado ao sucesso.

Dodô recuperou-se no Cam-

peonato Paulista deste ano. O técnico Muricy Ramalho conseguiu reabilitá-lo, convenceu a diretoria a renovar seu contrato e passou a utilizá-lo muitas vezes como titular. A consagração só aconteceu na metade da competição, já sob o comando de Dario Pereyra, a partir do momento em que o artilheiro se firmou na equipe e deu origem a uma dupla infernal com o colombiano Aristizábal. "O Ari é um jogador inteligente e técnico, que atua da mesma forma que eu. Nossas tabelas saem fácil, parece que nos comunicamos por pensamento", elogia.

A parceria rendeu a Dodô a artilharia do Paulistão, com 19 gols, e também o resgate de seu

"Jogo com qualquer um"

A convocação para a Seleção Brasileira e sua repentina transformação em ídolo foram absorvidas por Dodô com rara naturalidade. O sucesso e a badalação não mudaram um milímetro de sua personalidade. Ele continua o garoto simples de Artur Alvim que sempre foi. Ainda mora com os pais na Cohab 1 e cultiva as mesmas amizades de infância. Seus parceiros preferidos são aqueles que, no passado, corriam atrás de uma bola em comum nos campinhos de terra batida da Zona Leste da Capital. É o caso do feirante Fernando e do jogador Anderson, lateral-direito do Nacional, que gozam de prioridade absoluta em sua agenda.

Mesmo que o tempo e a distância digam não ao convívio diário, com dificuldade crescente para cultivar a vida pessoal, Dodô parece disposto a guardar os amigos do lado esquerdo do peito. "Com estes, eu sei que posso contar em qualquer circunstância. Agora que estou em evidência, todo mundo quer ser meu amigo. Mas a gente desconfia um pouco", confessa. No dia de sua primeira convocação para a Seleção Brasileira, na terça-feira, todas as ligações disparadas de seu celular foram dirigidas à família e à turma do bairro. Gente que sempre o apoiou e estava numa torcida danada.

Dodô também segue devoto de seus anjos da guarda, Muricy Ramalho e Dario Pereyra, responsáveis pelo seu êxito no São Paulo. Embora tenha sido descoberto por Dario Pereyra nas categorias de base e também alcançado o momento de maior

projeção em sua carreira profissional sob o comando do atual treinador, o craque dá ênfase especial à influência de Muricy para o seu sucesso. Talvez porque deva a própria sobrevivência no futebol ao ex-técnico, que insistiu com a diretoria para tirá-lo do ostracismo, Dodô não se esquece de render homenagens ao antigo chefe, demitido durante o Campeonato Paulista. "No início do ano, o Muricy segurou um monte de broncas no São Paulo por minha causa. Só estou jogando por causa dele. Serei eternamente grato", afirma.

O artilheiro tricolor ainda não fez fortuna, nem sequer ganha um salário de ponta no futebol brasileiro, mas a grana começa a entrar de maneira muito mais generosa. Recentemente, assinou contrato para receber R\$ 10 mil mensais, neste ano, e R\$ 14 mil, a partir de 98. Conta ainda com a garantia de um gatilho que lhe dará 20% de aumento a partir da terceira convocação para a Seleção Brasileira. No entanto, independentemente das vantagens previstas em contrato, negocia com o clube um reajuste complementar pela súbita valorização. "Isso está sendo conversado e tenho certeza de que meu salário vai ser bem melhorado", afirma o craque.

Dodô comemora um dos seus oito gols marcados no Brasileirão

Por enquanto, o bem mais valioso de Dodô é um Vectra Preto do ano, trocado há pouco tempo pelo seu antigo Tempra 93. Ele faz poupança para comprar uma casa mais confortável para a família. Mas não compartilha do sonho de consumo de nove entre dez boleiros em ascensão: morar em Perdizes, bairro de classe média na Zona Oeste, próximo aos centros de treinamento do São Paulo e do Palmeiras. Dodô quer continuar na região onde cresceu e virou gente. "Prefiro o Tatuapé, que não é muito distante de Artur Alvim e Itaquera. Gosto muito da Zona Leste", ressalta.

Outro exemplo que demonstra a autenticidade de Dodô é a maneira natural como encarou a possibilidade de jogar ao lado do badalado Ronaldinho, eleito o melhor jogador do mundo. O atacante são-paulino não se deslumbrou nem um pouco com a oportunidade de conhecê-lo. "Eu jogo com qualquer um. Não tenho a fantasia de atuar ao lado do Ronaldinho. Nunca fui de idolatrar jogador de futebol. Acho que só sentiria alguma emoção especial se um dia conhecesse o Zico", afirma.

prestígio. A bajulação veio a cavalo. Recentemente, o ex-diretor de futebol José Dias, responsável por seu calvário no ano passado, não resistiu e aplicou-lhe um abraço no vestiário do São Paulo. Dodô foi um cavalheiro. "A resposta que dei, com o sucesso alcançado dentro de campo, foi importante para mim e para minha família. Mas nunca cultivei o sentimento de vingança. Se eu fosse ficar preocupado com as pessoas que me prejudicaram, pelas quais eu teria parado de jogar, estaria perdido. Não ando nem aí com elas", justificou. Sem um pinga de rancor, Dodô virou mania nacional.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ